

ser como
o rio que
flui

Outros títulos de Paulo Coelho:

O Alquimista

Brida

A bruxa de Portobello

O demônio e a srta. Prym

O diário de um mago

A espiã

Hippie

Maktub

Manual do guerreiro da luz

O Monte Cinco

Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei

Onze minutos

O vencedor está só

Veronika decide morrer

O Zahir

“Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós,
que recorremos a Vós.” Amém.



PA
RA
LE
IA

Copyright © 2009 by Paulo Coelho

Publicado mediante acordo com Sant Jordi Associados Agencia Literaria SLU,
Barcelona, Espanha.

Todos os direitos reservados.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

REVISÃO Nana Rodrigues e Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coelho, Paulo

Ser como o rio que flui. / Paulo Coelho. — 1ª ed. São
Paulo : Paralela, 2019.

ISBN 978-85-8439-152-3

1. Crônicas brasileiras I. Título.

19-31038

CDD-B869.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira B869.8

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

*Ser como o rio que flui
Silencioso no meio da noite.
Não temer as trevas da noite.
Se há estrelas no céu, refleti-las.
E se os céus se pejam de nuvens,
Como o rio as nuvens são água,
Refleti-las também sem mágoa
Nas profundidades tranquilas.*

MANUEL BANDEIRA

Prefácio

Quando tinha quinze anos, disse para minha mãe:

— Descobri minha vocação. Quero ser um escritor.

— Meu filho — respondeu ela, com um ar triste —, seu pai é um engenheiro. É um homem lógico, razoável, com uma visão precisa do mundo. Você sabe o que é ser um escritor?

— Alguém que escreve livros.

— Seu tio Haroldo, que é médico, também escreve livros, e já publicou alguns. Faça a faculdade de Engenharia, e terá tempo para escrever em seus momentos livres.

— Não, mamãe. Eu quero ser apenas escritor. Não um engenheiro que escreve livros.

— Mas você já conheceu algum escritor? Alguma vez você viu um escritor?

— Nunca. Só em fotografias.

— Então como você quer ser um escritor, sem saber direito o que é isso?

Para poder responder à minha mãe, resolvi fazer uma pesquisa. Eis o que descobri sobre o que era ser um escritor, no início da década de sessenta:

A) Um escritor sempre usa óculos, e não se penteia direito. Passa metade de seu tempo com raiva de tudo,

e a outra metade deprimido. Vive em bares, discutindo com outros escritores de óculos e despenteados. Fala difícil. Tem sempre ideias fantásticas para o seu próximo romance, e detesta aquele que acabou de publicar.

B) Um escritor tem o dever e a obrigação de jamais ser compreendido por sua geração — ou nunca chegará a ser considerado um gênio, pois está convencido que nasceu numa época em que a mediocridade impera. Um escritor sempre faz várias revisões e alterações em cada frase que escreve. O vocabulário de um homem comum é composto de três mil palavras; um verdadeiro escritor jamais as utiliza, já que existem outras cento e oitenta e nove mil no dicionário, e ele não é um homem comum.

C) Apenas outros escritores compreendem o que um escritor quer dizer. Mesmo assim ele detesta secretamente os outros escritores — já que estão disputando as mesmas vagas que a história da literatura deixa ao longo dos séculos. Então, o escritor e seus pares disputam o troféu do livro mais complicado: será considerado o melhor aquele que conseguir ser o mais difícil.

D) Um escritor entende de temas cujos nomes são assustadores: semiótica, epistemologia, neoconcretismo. Quando deseja chocar alguém, diz coisas como “Einstein é burro” ou “Tolstói é o palhaço da burguesia”. Todos ficam escandalizados, mas passam a repetir para os outros que a teoria da relatividade está errada, e que Tolstói defendia os aristocratas russos.

E) Um escritor, para seduzir uma mulher, diz: “sou escritor”, e escreve um poema num guardanapo; funciona sempre.

F) Por causa de sua vasta cultura, um escritor sempre consegue emprego como crítico literário. É nesse momento que ele mostra sua generosidade, escrevendo sobre os livros de seus amigos. Metade da crítica é composta de citações de autores estrangeiros; a outra metade são as tais análises de frases, sempre empregando termos como “o corte epistemológico” ou “a visão integrada num eixo correspondente”. Quem lê a crítica comenta: “que sujeito culto”. E não compra o livro, porque não vai saber como continuar a leitura quando o corte epistemológico aparecer.

G) Um escritor, quando convidado a depor sobre o que está lendo naquele momento, sempre cita um livro que ninguém ouviu falar.

H) Só existe um livro que desperta a admiração unânime do escritor e seus pares: *Ulisses*, de James Joyce. O escritor nunca fala mal desse livro, mas, quando alguém lhe pergunta do que se trata, ele não consegue explicar direito, deixando dúvidas se realmente o leu. É um absurdo que *Ulisses* jamais seja reeditado, já que todos os escritores o citam como uma obra-prima; talvez seja a estupidez dos editores, deixando passar a oportunidade de ganhar muito dinheiro com um livro que todo mundo leu e gostou.

Munido de todas essas informações, voltei à minha mãe e expliquei exatamente o que era um escritor. Ela ficou um pouco surpresa.

— É mais fácil ser engenheiro — disse ela. — Além do mais, você não usa óculos.

Mas eu já estava despenteado, com meu pacote de Gauloises no bolso, uma peça de teatro debaixo do braço

(*Limites da resistência* que, para minha alegria, um crítico definiu como “o espetáculo mais maluco que já vi”), estudando Hegel, e decidido a ler *Ulisses* de qualquer maneira. Até o dia em que um cantor de rock apareceu, pediu que eu fizesse as letras de suas músicas, me retirou da busca da imortalidade, e me colocou de novo no caminho das pessoas comuns.

Isso me fez percorrer muitos lugares, e trocar mais de países do que de sapatos, como dizia Bertolt Brecht. Nas páginas a seguir, relatos de alguns momentos que vivi, histórias que me contaram, reflexões que fiz enquanto percorria determinada etapa do rio de minha vida.

Estes textos já foram publicados em diversos jornais do mundo, e foram recompilados a pedido dos leitores.

PAULO COELHO

Um dia no moinho

Minha vida, no momento presente, é uma sinfonia composta de três movimentos distintos: “muitas pessoas”, “algumas pessoas”, e “quase ninguém”. Cada um deles dura aproximadamente quatro meses por ano, se misturam com frequência durante o mesmo mês, mas não se confundem.

“Muitas pessoas” são os momentos em que estou em contato com o público, os editores, os jornalistas. “Algumas pessoas” acontece quando vou para o Brasil, encontro meus amigos de sempre, caminho na praia de Copacabana, vou a um ou outro acontecimento social, mas geralmente fico em casa.

Minha intenção hoje, no entanto, é divagar um pouco sobre o movimento “quase ninguém”. Neste momento a noite já caiu neste povoado de duzentas pessoas nos Pirineus, cujo nome prefiro manter em segredo, e onde comprei há pouco tempo um antigo moinho transformado em casa. Acordo todas as manhãs com o cantar do galo, tomo meu café e saio para caminhar entre as vacas, os cordeiros, as plantações de milho e de feno. Contemplo as montanhas e — ao contrário do movimento “muitas pessoas” — jamais procuro pensar em quem